

CATARINA TROMBETTA PALERMO

**ESTRUTURA DE UM PROGRAMA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA PARA
ALUNOS COM MULTIPLA DEFICIÊNCIA EM
ESCOLA ESPECIAL**

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de graduação em Educação
Física na área de Licenciatura, realizado na
Universidade Estadual de Campinas, sob
orientação do professor doutor Edison Duarte.
Dezembro - 1995

AGRADECIMENTOS



Ao professor Doutor Edison Duarte, meu orientador, pela dedicação e compreensão com a qual me orientou na elaboração deste trabalho.

Aos alunos do Centro Educacional Integrado (CEI), que com sua afetividade me auxiliaram a perceber o mundo de uma forma diferente; por me empolgarem a querer saber mais a respeito da Educação Física Adaptada.

Aos profissionais do CEI, em especial Sueli, Marta, Júlio, Rita e Deise, pela atenção e carinho com que me acolheram, e por acreditarem e auxiliarem no trabalho que estávamos realizando.

SUMÁRIO:

Capítulo 1 - Introdução	4
Capítulo 2 - O histórico da educação física adaptada e como se integra dentro de um trabalho de educação especial	6
2.1. Breve histórico da educação física adaptada	6
2.2. Como a educação física adaptada se integra num trabalho de educação especial	9
Capítulo 3 - Proposta de trabalho em educação física adaptada para alunos multideficientes em escola especial	12
3.1. O centro educacional integrado (CEI)	12
3.2. O grupo de jovem	14
3.3. Aspectos gerais das aulas de educação física adaptada, ministradas no centro educacional integrado	15
3.3.1. Horário das aulas	15
3.3.2. Clientela	15
3.3.3. Locais, materiais utilizados e dinâmica das aulas	17
3.4. Proposta de trabalho	21
Capítulo 4 - Avaliação da proposta no contexto educacional (do programa desenvolvido no CEI)	25
Anexos	28
Bibliografia	35

- CAPÍTULO 1 -

INTRODUÇÃO

Segundo o relatório da *Reabilitação Internacional* à Junta Executiva do UNICEF (1980), pelo menos dez por cento das crianças apresentam algum tipo de deficiência (física, mental ou sensorial). Estes dados são apenas uma estimativa mínima, pois acredita-se que estes números cheguem a 20 por cento de todas as crianças. Ainda neste relatório, foi apresentado um panorama mundial sobre as crianças portadoras de deficiência, (...) *existirão no ano 2.000, pelo menos 190 milhões de crianças deficientes, das quais cerca de 150 milhões nos países em desenvolvimento* (p.18). Este quadro nos revela o número significativo de pessoas que necessitam de trabalhos especializados.

Diante desta realidade e, somada ao afã de tentar compreender a pessoa portadora de deficiência, na área da Educação Física Adaptada, buscamos a vivência e estudos mais aprofundados sobre estes assuntos.

Durante a trajetória histórica da Educação Física Adaptada podemos constatar que ela é considerada uma atividade relevante para o desenvolvimento e reintegração das pessoas portadoras de deficiência. Nesta perspectiva propomo-nos a refletir sobre um planejamento de atividades, baseadas numa multiplicidade de ações motoras, inseridas num contexto educacional.

Estas atividades foram aplicadas nas aulas de Educação Física, ministradas no Centro Educacional Integrado, durante 15 meses para alunos multideficientes entre 14 e 22 anos.

Existem vários tipos de deficiências, como de fala ou linguagem, indivíduos com lesões

cerebrais, distúrbios de aprendizagem e/ou de comportamento, deficiências visuais, auditivas e motoras, indivíduos que apresentam mais de um tipo de deficiência, entre outros. Este trabalho preocupar-se-á apenas com os indivíduos que apresentam mais de um tipo de deficiência (múltipla deficiência).

Enquanto procedimento metodológico utilizamos o estudo dos prontuários, leituras básicas, avaliações feitas com os alunos embasadas nos padrões do exame neurológico evolutivo, relatório diário das aulas e discussões com os profissionais envolvidos.

A apresentação deste programa tem como objetivo oferecer subsídios aos trabalhos desenvolvidos nesta área. Esta proposta não tem como finalidade dar "receitas prontas" mas enfatizar a importância da prática de atividades físicas para pessoas portadoras de múltipla deficiência baseando-se no aumento do vocabulário motor adquirido bem como na evolução significativa obtida nos aspectos motor e social.

- CAPÍTULO 2 -

O HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA E COMO SE INTEGRA DENTRO DE UM TRABALHO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

2.1. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA:

Os estudos realizados, mostram que as raízes da Educação Física Adaptada se encontram nas atividades curativas ou exercícios terapêuticos desenvolvidos na China, por volta de 3.000 a 2.500 a.C. Estas compreendiam atividades amenas de ginástica, combinando o alongamento com a respiração, sendo geralmente executadas na posição sentada ou de joelhos. O Cong Fu e a Ioga são alguns exemplos deste tipo de atividade. (ADAMS et al 1985)

Na antiguidade clássica prevalecia a idéia da eugenia, da perfeição e exaltação do corpo forte e belo. Diante disto os indivíduos deficientes eram segregados e muitas vezes eliminados. (PESSOTTI 1981; ROSADAS 1986)

A Idade Média é marcada pela soberania da Igreja, portanto a preocupação maior estava voltada à alma e não mais ao corpo. Com este pensamento a pessoa portadora de deficiência passa a ter alma e como tal não pode ser eliminada. Contudo não houve uma real preocupação em solucionar os problemas que envolviam este indivíduo.

Por volta dos séculos XVIII e XIX ocorre o aparecimento das primeiras instituições que se preocupavam com a educação e atendimento das pessoas portadoras de deficiências. É neste período que encontramos os primeiros estudos científicos concernentes a área, onde destacamos

pesquisadores como Down, Itard entre outros, além do desenvolvimento de terapias recreativas e esportes para pessoas portadoras de deficiências. Ao analisarmos os trabalhos de Itard, Seguin e Montessori, podemos notar o quanto estes pioneiros da Educação Especial contemplam a motricidade, embora naquela época a Educação Física *como área de conhecimento*, não se fazia presente (RODRIGUES 1991, p.74)

Com as mudanças sócio-políticas ocorridas no século XX, o lucro e a produtividade passariam a orientar as ações e decisões da sociedade, e por isso seria necessário encontrar uma solução mais lucrativa onde os deficientes deixassem de dar prejuízos (pois estes eram sustentados pelo Estado), passando a ser indivíduos rentáveis financeiramente. Outro fato que contribuiu e pressionou a sociedade com relação a esta problemática foram as grandes guerras, que aumentaram o número de pessoas portadoras de deficiências.

A vida nos grandes centros, com suas implicações sócio-econômicas, fez com que os países se preocupassem com este aspecto, criando serviços especiais em que, ao lado da recuperação, pudesse o trabalho do educando ser utilizado como fonte de rendimento (...)

(ROSADAS, 1986)

Um desses serviços foi a criação da Educação Física Corretiva constituída de terapias físicas e corretivas além da criação do esporte adaptado, como o arco e flexa, basquete e polo em cadeira de rodas, entre outros esportes. No período de 1920 a 1950 a Educação Física Corretiva desenvolveu-se separadamente da Educação Física.

Com o desenvolvimento dos esportes adaptados, foram surgindo campeonatos nacionais e internacionais de diversas modalidades (a primeira modalidade foi basquete em cadeira de rodas). Em 1948, na Inglaterra foi promovido os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville. A partir desta data

a Educação Física Adaptada passa de um modelo médico (terapêutico/corretivo) para um modelo pedagógico, onde a Educação Física Adaptada engloba a Educação Física Corretiva.

Os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville são realizados anualmente exceto no ano das Olimpíadas, quando também são realizados os Jogos Para Olímpicos.

Os Jogos Para Olímpicos surgem concomitantemente com o início dos Jogos de Stoke Mandeville. Como foi comentado anteriormente, estes se iniciaram em 1948, juntamente com a realização da XIV Olimpíada, em Londres. A partir de 1960, em Roma, os dois eventos (Jogos Para Olímpicos e os Jogos Olímpicos) acontecem paralelamente, e sempre que possível, são realizados no mesmo país e na mesma cidade, como é até hoje. Os Jogos Para Olímpicos, como as Olimpíadas, acontecem de quatro em quatro anos.

O I Jogos Para Olímpicos, em Roma, no ano de 1960, contava com a participação de 23 países e 400 atletas. E o IX Jogos Para Olímpicos, realizado em Barcelona no ano de 1992, contou com 84 países e 4.220 atletas, sendo que o Brasil participou com 53 atletas.

Foram 15 as modalidades esportivas dos Jogos Para Olímpicos de Barcelona, atletismo, basquete, boccia, cilmismo, esgrima, futebol-7, *goalball*, halterofilismo, judo, natação, tênis, tênis de mesa, arco e flexa, tiro ao alvo e voleibol. A procedência dos atletas segundo suas deficiências foram: paraplégicos e tetraplégicos 39%, amputados 17%, paralisia cerebral 14%, deficientes visuais 19%, outras deficiências 11%.

Na década de 60, surge um outro evento que também contempla o esporte para portadores de deficiência, as Olimpíadas Especiais. Esta compreendia um programa para pessoas portadoras de deficiência mental idealizada por Eunice Kennedy Shriver. Em 1986, Shriver organizou os primeiros Jogos Internacionais das Olimpíadas Especiais em Soldier Field, Chicago, Illinois - USA. Os esportes que constituem esta olimpíada são: atletismo, basquete, futebol, ginástica, handebol e natação.

No Brasil, o Programa foi implantado a partir de um projeto-piloto desenvolvido em Brasília-DF em 1990/91 com o apoio da Secretaria dos Desportos da Presidência da República, que culminou com a participação da Delegação Brasileira nos VII JOGOS INTERNACIONAIS DE VERÃO DAS OLIMPIADAS ESPECIAIS, realizados de 19 a 27 de julho/91 em Minneapolis - Saint Paul / Minnesota - USA.. Nossos atletas especiais conquistaram 32 medalhas: 13 de ouro, 09 de prata e 10 de bronze.

(panfleto Olimpíadas Especial - Brasil)

2.2. COMO A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA SE INTEGRA NUM TRABALHO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL:

RODRIGUES (1991) apresenta em seus estudos referentes ao contexto interdisciplinar da Educação Física com pessoas portadoras de deficiência, a importância da atividade motora em todo o processo histórico da educação especial, lembrando que *Itard, Seguin, Montessori, os precursores da educação especial* privilegiavam em seus trabalhos a questão motora, e segue:

A questão motora é portanto um dado de fundamental importância na evolução da educação especial, ainda que a Educação Física como área de conhecimento não seja. Em resumo, raramente ela esteve presente nas questões da motricidade, do movimento, que são componentes fortes na educação especial.

Não nos cabe neste momento analisar os motivos que levam à não participação da Educação

Física inserida na equipe de trabalho dos locais que desenvolvem atividades para pessoas deficientes, em especial as instituições ou escolas especiais, e sim discutir a legitimidade e importância desta área junto à equipe de trabalho.

ARAÚJO (1991) destaca em sua pesquisa o Artigo 3º da Carta Internacional de Educação Física e Desportos, aprovada pela conferência da UNESCO, em 21 de novembro de 1978, onde é legitimada a importância da Educação Física e do Desporto.

Todo sistema global de Educação deve reservar à Educação Física e aos Desportos o lugar e a importância necessária para estabelecer o equilíbrio e reforçar os laços entre as atividades físicas e outros elementos de educação.

O autor cita ainda a legitimidade do trabalho de Educação Física para pessoas portadoras de deficiência.

Condições particulares devem ser oferecidas aos jovens, inclusive às crianças em idade pré-escolar, às pessoas idosas e as portadoras de deficiências, a fim de permitir o desenvolvimento integral e de sua personalidade, graças a programas de Educação Física e Desportos adaptados às suas necessidades e potencialidades

(Artigo 1º, item 1.3. Carta Internacional da ONU)

Diante destas colocações podemos notar que a Educação Física Adaptada tem nas recomendações da ONU o seu espaço garantido para desenvolver o trabalho com pessoas portadoras de deficiências, que podem se encontrar tanto no âmbito escolar, como a nível desportivo (pensando que praticam esportes dentro de clubes, associações de bairro, praças de esportes, entre outros locais.) Durante a exposição deste trabalho, a Educação Física Adaptada será tratada por nós,

apenas a nível escolar.

A estrutura escolar regular difere das instituições escolares que trabalham com pessoas portadoras de deficiências em alguns aspectos. Nos locais onde se trabalha com deficientes a questão da interdisciplinariedade, o trabalho em equipe, é muito mais efetiva, que nas escolas regulares. A presença e participação dos familiares, no decorrer do trabalho desenvolvido com as pessoas portadoras de deficiências é essencial para o sucesso do mesmo, pois não adianta fazer todo um trabalho na escola se em casa, com seus familiares onde o aluno passa a maior parte do seu tempo, faz-se um outro, anulando o trabalho anterior. "Familiares e profissionais devem falar a mesma língua". Em função da atenção que o aluno necessita nas escolas especiais o trabalho se torna basicamente individualizado, para tal o número de alunos por sala é reduzido (RODRIGUES, 1991).

Um dos objetivos das escolas especiais é a independência e a reintegração da pessoas portadora de deficiência à sociedade, devido a isso há várias atividades sociais como: aulas práticas de como se alimentar, fazer higiene pessoal, preparar refeições, tomar ônibus, fazer compras, ir ao cinema, passear em diversos locais, entre outros. Em algumas instituições a questão da profissionalização é presente e as mesmas são constituídas estruturalmente por oficinas para o aprendizado de um ofício, e também mentêm relações diretas com empresas através de convênios para prestação de serviços. Neste último caso, os alunos que participam do convênio podem receber um salário mensal.

- CAPÍTULO 3 -

PROPOSTA DE TRABALHO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA PARA ALUNOS MULTIDEFICIENTES EM ESCOLA ESPECIAL

3.1. O CENTRO EDUCACIONAL INTEGRADO (CEI):

Este item será iniciado com um trecho extraído do Projeto Pedagógico de 1993, do Centro Educacional Integrado (CEI).

A instituição propõe atendimento especializado a crianças, jovens e adultos portadores de quaisquer deficiências, principalmente a múltipla, sendo que cada grupo é composto por alunos de diferentes tipologias de deficiências, formando assim classes heterogêneas.

Diante da complexidade que constitui essa clientela, não se pode pensar em trabalhos estanques com objetivos estabelecidos a priori nem em programas de atendimentos isolados, o que nos coloca frente a uma realidade institucional, na qual não se pode estipular nem a quantidade de alunos atendidos, nem o tempo que os mesmos permanecerão na instituição, pois um mesmo aluno pode necessitar de atendimento em diferentes programas da instituição.

Estes diferentes programas referem-se as áreas de pedagogia, fonoaudiologia, fisioterapia, educação física, terapia ocupacional, psicologia e serviço social.

A equipe desenvolve suas atividades de forma interdisciplinar, sendo que cada profissional atua como educador, e está estruturada para os seguintes serviços: atendimento a bebês, maternal, pré-escola, acompanhamento escolar, grupo de jovens e atendimento individual.
(Projeto Pedagógico-CEI, 1993)

A instituição acredita que a interação escola-aluno-família é fundamental para o processo de aprendizagem do aluno. Nesse sentido, é realizado um trabalho de acompanhamento e orientação às famílias, sendo este grupo constituído predominantemente pelas mães. Os profissionais das áreas de psicologia e serviço social, são os responsáveis por este atendimento.

A proposta de trabalho do CEI está vinculada a um conceito de deficiência, onde a mesma, é um agregado dos fatores orgânicos e sociais. Essa idéia de deficiência, leva a um trabalho basicamente individualizado, pois considera-se o diagnóstico médico conjuntamente com a realidade social de cada aluno.

Para viabilizar a elaboração do planejamento de cada aluno, de maneira individualizada e dinâmica, ou seja, em constantes modificações, a estrutura da Instituição prevê, um conjunto de atividades de quatro horas, nas quais três são atendimentos aos alunos e a última hora destinada a reunião. Esta envolve os profissionais comprometidos com um mesmo grupo, (...) *com a finalidade de favorecer a reflexão do trabalho realizado, cujos resultados contribuem para nortear os passos seguintes.* (Projeto Pedagógico - CEI, 1993).

Este trabalho pedagógico desenvolvido no CEI, acaba assumindo o papel de intermediária entre o aluno portador de deficiência(s), e o conhecimento institucionalizado, além de uma possível profissionalização. Diante de uma visão mais abrangente, pode-se dizer que a instituição também é intermediária entre o portador de deficiência(s) e uma vida "normal".

3.2. O GRUPO DE JOVEM:

Este trabalho, como mencionado anteriormente, foi desenvolvido com o grupo de jovem. Este grupo está constituído por alunos adolescente e jovens correspondendo a idade cronológica entre 14 a 22 anos, sendo esta faixa etária passível de mudança pois a idade cronológica varia de acordo com as características apresentadas pelo aluno.

O trabalho desenvolvido com este grupo tem como objetivo a escolaridade e profissionalização, norteado pelas características desta faixa etária, bem como a(s) deficiência(s) envolvida(s).

Para tanto (também) são utilizados recursos para que os alunos vivenciem as suas atividades de vida prática - AVP , ou seja, o uso de ônibus, telefone, etc., e atividades da vida diária - AVD (escovar os dentes, banhar-se, vestir-se, etc.), contribuindo para instrumentalizar os jovens na sua independência, com relação a repertórios básicos de atuação em sociedade.

(Projeto Pedagógico, CEI, 1993)

3.3. ASPECTOS GERAIS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, MINISTRADAS NO CENTRO EDUCACIONAL INTEGRADO:

3.3.1. HORÁRIO DAS AULAS:

As aulas de Educação Física Adaptada que norteiam esta monografia foram ministradas durante 15 meses, para o Grupo de Jovens, tanto no período da manhã, quanto no período da tarde. O período da manhã compreendia o horário das 8:00 horas às 11:00 horas com atendimento aos alunos, e das 11:00 horas às 12:00 horas com reuniões onde participavam todos os profissionais envolvidos com este trabalho. O período da tarde compreendia o horário das 13:00 horas às 16:00 horas com atendimento aos alunos, e das 16:00 horas às 17:00 horas com reuniões semelhantes ao horário matutino.

3.3.2. CLIENTELA:

Durante estes 15 meses de trabalho houve mudanças no número de alunos por sala em virtude da admissão e desistência dos mesmos, por conseguinte, na explanação a seguir, será considerado e analisado somente os alunos que participaram de todo o processo deste trabalho .

A sala do Grupo de Jovens do período da manhã era formado por cinco alunos, contudo como já foi justificado anteriormente consideraremos apenas quatro, (os dados a seguir foram extraídos e analisados a partir do prontuário que a escola possui):

a) K.S.M.: nascido em 09-04-1979, ingresso no CEI em maio de 1993, apresenta visão subnormal, secundário a microcefalia, crises convulsivas controladas por medicamento, há um atraso no seu

desenvolvimento neuropsicomotor .

b) A.C.S.S.: nascida em 30-11-1978, ingresso no CEI em 1993, apresentou anóxia intraútero. Atualmente apresenta microcefalia, crises convulsivas controladas por medicamento, problemas emocionais acentuados.

c) R.S.B.: nascido em 10-02-1976, ingresso no CEI em maio de 1993, apresenta Síndrome de Williams e microcefalia secundária.

d) R.L.O.: Nascido em 10-06-1979, ingresso no CEI em maio de 1982, apresenta microcefalia e epilepsia com convulsão, controlada por medicamento.

A sala do Grupo de Jovens do período da tarde era formada por nove alunos, contudo, como já foi justificado anteriormente, consideraremos apenas quatro (os dados a seguir foram extraídos e analisados a partir do prontuário que a escola possui):

a) M.I.M.: nascida em 05-11-1970, ingresso no CEI em 1988, acentuado bloqueio emocional, deficiência visual.

b) L.V.B.: nascida em 08-04-1978, ingresso no CEI em 1992, apresenta sinais psicóticos .

c) F.K.: nascido em 11-11-1977, ingresso no CEI em 1982, apresentou anóxia acarretando lesão cerebral e levando a surdez, teve duas vezes cerebelite com três anos de idade provavelmente agravando sua deficiência, seu nível psicomotor situa-se abaixo do esperado, com uma acentuada diferença entre a idade cronológica e mental, colocou prótese auditiva em 1991.

d) M.P.N.: nascida em 04-06-1975, ingresso no CEI em fevereiro de 1990, deficiência mental a ser confirmada.

3.3.3. LOCAIS , MATERIAIS UTILIZADOS E DINÂMICA DAS AULAS:

Os locais que utilizávamos para a realização das aulas eram: os espaços da própria escola, Largo do Café, Praça de Esportes Elis Regina, Faculdade de Educação Física da Unicamp, praças municipais, sítio, Bosque dos Alemães, Sociedade Hípica de Campinas, visitas residenciais.

Os materiais que utilizávamos eram fitas de áudio e vídeo; papel; caneta; atlas de anatomia humana; bolas de meia; bexigas; os cedidos pela Faculdade de Educação Física da Unicamp como os aparelhos de ginástica rítmica desportiva e da ginástica artística, e os vários tipos de bolas como a de tênis, futebol de campo, futebol de salão, vôlei, basquete, de plástico, entre outras.

Ao iniciarmos o trabalho com o grupo de jovens o objetivo comum a todas as áreas era auxiliar os alunos na independência e reintegração social. Já o objetivo específico da área de Educação Física, que caminhamos paralelos aos objetivos comuns, era o de proporcionar aos alunos uma variedade de experiências motoras, contribuindo na superação da sua deficiência. Para tal, segundo discussões em reuniões, chegou-se a conclusão que o jovem somente "aprende" a se portar em grupo (com normas e valores sociais) quando realmente está inserido, portanto ao nosso ver foi de fundamental importância variar os locais e as pessoas que se encontravam neles. Juntamente com a variabilidade dos locais, também pudemos colocá-los diante de diversos materiais e situações, propiciando, desta forma, experiências motoras diversas.

Utilizando o espaço da própria escola, os primeiros contatos que tivemos (aluno e professor) foi na escola, pois estes foram os momentos necessários para nos conhecermos e adaptarmos. A primeira atividade foi o desenho do próprio corpo. Utilizamos papel e giz de cera. Esta atividade teve como objetivo averiguar o grau de compreensão da solicitação de atividade e conhecimento do esquema corporal. A diferença de compreensão era tal entre os alunos da mesma sala pois teve aluno

que desenhou o corpo todo e aluno que só fez garatujas. As atividades subsequentes foram atividades com bolas (lançar, receber, manipular, entre outros), corridas (marcha, correr, se deslocar no espaço, entre outros) e de coordenação (atividades que envolvessem mais de um movimento). Todas executadas com o objetivo de averiguar as possibilidades individuais. Neste prédio havia uma piscina onde fizemos algumas aulas de adaptação na água, mas por diversos fatores institucionais não conseguimos concluir este trabalho. Posteriormente mudamos para outro prédio onde não havia piscina.

A Praça de Esportes Elis Regina foi a nossa primeira opção fora da escola pois; a) localizava-se próxima à escola (na quadra seguinte), b) na praça haviam vários locais para serem utilizados como campo gramado de futebol, barrancos, quadra poliesportivas, árvores, terrenos irregulares, escadas, piscina, parquinho com escorregador, balanços, trepa-trepa, c) por ser uma praça pública de bairro havia aulas de ginástica para senhoras, natação, basquete e futebol para adolescentes e crianças, além das pessoas que frequentavam normalmente este local, ou seja, o público ali era variado. Os objetivos comuns que enfatizamos inicialmente foi a questão do comportamento fora do recinto escolar, ou seja, a postura de andar em grupo (todos juntos), o perigo da rua, atravessar a rua, não ter medo de cachorro, respeitar os pedestres, cumprimentar as pessoas conhecidas, entre outros. Os objetivos específicos foram: o controle da marcha e o conhecimento das diversas possibilidades de movimento (consciência corporal). Para tal utilizávamos cordas, bolas, música, jogos infantis, exercícios de alongamento (de maneira dinâmica), massagens, entre outros.

Nos primeiros encontros que tivemos nesta praça de esportes as pessoas que frequentavam o local, na maioria das vezes, paravam de fazer as suas atividades para nos olhar com cara de espanto, dó, receio, ... Felizmente esta primeira fase passou, pois no decorrer do trabalho as pessoas que nos observavam se acostumaram. Os alunos melhoraram tanto o comportamento social quanto as

capacidades motoras. Nas últimas aulas os nossos alunos convidavam as pessoas para jogarem vôlei, basquete, brincadeiras com corda.

Perto da escola, havia outras praças, estas somente com locais irregulares, totalmente gramado, com muitas árvores. Estas praças eram locais de passagem de pessoas do bairro e em uma delas havia um ponto de ônibus. As atividades que desenvolvíamos nestes locais eram basicamente as mesmas. A vantagem desta praça é o caminho que fazíamos para chegar lá, pois andávamos sobre muretas, tínhamos muitas ruas para atravessar, pedras para subir e pular entre outros obstáculos naturais que utilizávamos.

Fizemos uma visita ao Largo do Café. Este local foi pensado pois é frequentada por pessoas de classe média e/ou alta que praticam esportes, geralmente correm ou caminham, pintam as paisagens do local. Esta clientela foi importante pois difere da realidade vivida pela maioria dos alunos que são de classe média baixa ou classe baixa. Neste local enfocamos a marcha, onde pudemos explorá-la de diversas formas em vários momentos em um mesmo local. Foram utilizados também as escadas da casa que havia no parque, o peitoral da varanda; espaço verde com matas, bambuzais, árvores frutíferas. Foi importante pois pela primeira vez os alunos passaram por dentro de uma mata, com muitos locais irregulares e obstáculos a transpor, com variações no solo. Utilizamos também rua e a sarjeta com atividades de arco e corda pensando sempre em variar a forma da marcha.

Outro local utilizado foi a Faculdade de Educação Física da Unicamp. Após aproximadamente 8 meses de trabalho basicamente realizados nas praças de esporte, pensamos em ampliar a convivência dos alunos. Neste estágio do trabalho os alunos já apresentavam um bom comportamento social e queríamos colocá-los em contato com o público jovem. Trabalhar a questão de estudar, ter um futuro, conhecer uma faculdade, mostrar as salas de aulas, entre outros, além deste

local possuir grande variedade de materiais. Por várias aulas os alunos ficaram dispersos devido ao grande número de pessoas e ao tamanho da Faculdade, mas após várias conversas e aulas eles se acostumaram e entenderam. Durante as aulas utilizávamos materiais da ginástica artística, ginástica rítmica desportiva, bolas de volei, futebol, basquete e locais como: pista de atletismo, salão de dança, entre outros.

Em virtude da participação da escola nos Jogos Especiais, com uma coreografia utilizando fitas de ginástica rítmica desportiva, ficou decidido que os alunos confeccionariam o estilete da fita. Este estilete seria de bambú, e aproveitamos a "deixa" para irmos à um sítio próximo de Paulínia - S.P. Neste local os alunos tiveram que andar em diferentes locais como o mato, meio de árvores, entre bambús, entre animais, locais irregulares, além de encontrar os bambús, se organizar para pega-los e leva-los até a perua, além da experiência de entrarem em contato com animais soltos, frutas no pé e observar um estilo de vida diferente do da cidade.

Sociedade Hípica de Campinas: um local da elite campineira. Neste dia assistimos à uma apresentação de ginástica geral, ginástica olímpica e no final pudemos fazer uma vivência nos aparelhos de ginástica. Conhecemos todo o clube. Este local foi importante pois como comentamos anteriormente difere da realidade vivida pela maioria dos alunos que são de classe média baixa ou classe baixa. Como na UNICAMP os nossos alunos tem acesso aos aparelhos de ginástica a apresentação foi relevante a medida que mostrou a eles com poderiam utilizar aqueles aparelhos. Os ginastas da Hípica serviram de exemplos aos alunos do Centro Educacional Integrado.

Bosque dos Alemães: local arborizado, freqüentado principalmente por crianças, além da Pestalozzi (outra instituição de deficientes) se localizar perto da escola, estes alunos eram menos comprometidos que os alunos do CEI. Houve dias que os alunos das duas escolas se encontraram. Foi relevante esses encontros pois como haviam materiais do CEI (bolas, cordas, arcos) e um

repertório de atividades que os nossos alunos já conheciam, os profissionais davam a abertura para eles se organizarem em atividades que lhes interessavam. Estes encontros nos mostraram o quanto haviam se desenvolvido pois no início não eram nem capazes de comunicar agora eram "líderes" de atividades sociais. Este local tinha escorregadores, balanços, casinha para trepar, escadas íngremes, e um espaço livre para desenvolver atividades que necessitam de um bom espaço.

Visita na residência: a escola tinha alguns dias por mês que os alunos faziam visitas na casa de um amigo de sala. Em várias oportunidades os alunos pediam para conhecer a minha, por isso em uma das nossas aulas eles conheceram-na. Neste dia, primeiro vimos um vídeo *Olimpíadas do Pateta* (para falarmos das Olimpíadas que participaríamos na Unicamp) e depois fomos comer.

O comportamento foi adequado até mesmo no momento da refeição. Comeram com talher, não derrubaram nada no chão. Para eles consideramos importante mostrar que os profissionais tem uma casa real (parecida com a deles) além da possibilidade de ver um vídeo educativo.

3.4. PROPOSTA DE TRABALHO:

A proposta de trabalho para o grupo de jovens da Centro Educacional Integrado está em concordância com os objetivos globais da instituição, ou seja, a independência e conseqüentemente socialização. Os objetivos específicos da área é o de dar subsídios para os alunos participarem em atividades motoras tanto no âmbito escolar como fora dele, através das várias experiências motoras. Podemos citar independência em atividades de vida diária (pegar ônibus, subir e descer escadas, posturas adequadas,...), participação em campeonatos esportivos no bairro, participação em atividades nos clubes, discotecas entre outros locais.

Segundo FREIRE (1989), a criança, o aluno é um especialista em brinquedos e brincadeiras.

Portanto ao entrar na escola, o aluno já apresenta um acervo de conhecimentos no qual o professor deverá tentar conhece-lo e se embasar para elaborar o plano de atividades para o seu aluno. Favorecendo desta forma, a continuidade do seu desenvolvimento. No caso da escola especial o professor deverá estar atento não só aos conhecimentos anteriores dos alunos mas também das suas possibilidades tanto a nível motor como cognitivo.

Segundo o Relatório da *Reabilitação Internacional* à Junta Executiva da UNICEF (1980), uma dos elementos essenciais utilizados como estratégias para diminuir ou prevenir a deficiência é que as pessoas envolvidas com este trabalho deveriam capacitar as crianças a manter, tão próximo possível, do processo de desenvolvimento normal de uma criança, para que ela possa futuramente alcançar o estágio de *maturidade e auto-suficiência* (p.32).

Com esta recomendação, o profissional deverá fazer uma avaliação para averiguar em que nível de desenvolvimento seu aluno se encontra. Esta avaliação a meu ver consistiria em atividades globais, como brincar de pega-pega, jogar bola, entre outras, que deverão ocorrer durante a aula e com todos os alunos ao mesmo tempo. Este fator é importante pois desta forma o profissional não estaria descontextualizando nem o aluno e nem a atividade.

Para embasar esta avaliação podemos utilizar as tabelas de padrão do exame neurológico evolutivo, retirado do livro de DIAMENT (1989) , as quais estão em anexo no final do trabalho, como poderão ser utilizados outras que o profissional achar adequado como GALLAHUE (1989), TANI (1988), etc.

Há três razões que consideramos importantes para justificar a realização desta avaliação: Como foi dito anteriormente, é necessário o profissional estar ciente sobre todas as etapas do desenvolvimento motor normal para saber que nível seu aluno se encontra, o quão defazado ele está, e quais os aspectos que deverão ser mais enfatizados durante as aulas. Em segundo, a teoria da

hierarquia dos sistemas motores elaborada por JACKSON (in TOLOSA e cols, 1971) citado por DIAMENT (1989) , diz que as ações motoras voluntárias são provenientes de *funções mais elementares e reflexas* (p. 02). Portanto se faz necessário enfatizar e deixar o trabalho "sólido" do andar, correr , saltar, pegar, arremessar, entre outras ações elementares. E o terceiro e último, o profissional que atua com pessoas portadoras de deficiência(s) tem que estar ciente que seu aluno poderá apresentar involuções e que posteriormente terá o período de restabelecimento, fazendo com que esta involução regrida ao ponto em que se encontrava. Esta involução e reestabelecimento é citada por DIAMENT (1989) como sendo a *peculiaridade da Neurologia Pediátrica*. O profissional deverá estar atento a todas as involuções e reestabelecimento para poder fazer a média da evolução global do aluno.

Além destes aspectos decorrentes da deficiência, o profissional deverá estar atento para fatores, que poderíamos denominar de sociais. A criança portadora de deficiência na sua maioria, apresenta uma infância que RODRIGUES (1991) denomina de *atípica*, por não brincar com outras crianças, por ficar enclausurada, pela superproteção ou até mesmo vergonha que os pais apresentam, pelas condições sócio, econômicas e culturais. Estes aspectos também são relevantes para a elaboração do programa que será oferecido a cada aluno.

Nesta perspectiva, entendemos que o educando, dadas as suas peculiaridades, necessita ser educado levando-se em conta parâmetros próprios e nos limites de sua educabilidade, os quais não nos cabe definir. Poderá o educando não se transformar em um letrado, mas seguramente terá desenvolvido outras qualidades que farão dele dentro de suas possibilidades, um participante do processo social e da vida.
(RODRIGUES, 1991, p. 24)

Quando o professor for elaborar as atividades para as suas aulas, ele deverá se preocupar com as potencialidades de cada aluno, estabelecendo metas que possam ser alcançadas com relativo sucesso. Este cuidado deve ser tomado para evitar que o aluno sofra constantemente os fracassos em aula, levando-o ao sentimento de incapacidade. Por outro lado, atividades com níveis de dificuldades inferiores ao que o aluno consegue, desestimulá-lo-ia em aula.

Durante as aulas deve ser criado sempre situações onde haja riscos e desafios para que o aluno possa constantemente estar descobrindo e utilizando suas capacidades e incapacidades motoras, além da descoberta de novas possibilidades de movimento. Os alunos devem ser incentivados a manifestarem suas opiniões e sugestões, participando nas escolhas de algumas atividades, nas soluções de problemas e na criação de regras, entre outros.

- CAPÍTULO 4-

AVALIAÇÃO DA PROPOSTA NO CONTEXTO EDUCACIONAL (DO PROGRAMA DESENVOLVIDO NO C.E.I.)

As dificuldades encontradas ao se trabalhar com este grupo de alunos multideficientes, foi no início, pois a desigualdade de possibilidades era grande. No início percebemos que, embora os alunos estivessem na mesma sala, não havia uma interação entre eles, pois não conheciam as limitações e possibilidades uns dos outros. Eram indiferentes.

Na mesma turma havia alunos que sabiam correr e se comunicar, enquanto outros nem tinham uma postura de marcha adequada e nem conseguiam se comunicar. Havia ainda alunos com dificuldade de coordenação e outros com deficiência visual. Alguns compreendiam determinados comandos outros não, enfim eram extremamente heterogêneos. Por tanto no início o trabalho que dizíamos ser em grupo, acabou sendo quase que individualizado.

Os momentos dos planejamentos das atividades eram muito difíceis pois sempre tínhamos que pensar em atividades nas quais todos pudessem participar e por outro lado pudesse estar trabalhando com as deficiências de cada aluno. Sempre conversávamos com os alunos tentando mostra-lhes o que conseguiam ou não fazer, o que ele, enquanto uma pessoa atuante poderia fazer para auxiliar o outro, enfim, explicar como poderíamos trabalhar em grupo com tantas diferenças. A medida que o trabalho foi se desenvolvendo esta dificuldade acabou sendo uma qualidade do grupo, pois um aluno ajudava o outro no desenvolvimento da atividade. Foi com esta postura que o grupo se desenvolveu com um grande sucesso.

Consideramos que, no trabalho com pessoas portadoras de deficiência não deve haver uma "receita" de atividades e sim de posicionamentos diante de situações e principalmente o que consideramos fundamental, saber olhar para as dificuldades imaginando que no futuro se tornem qualidades.

As atividades que trabalhamos e foram mais aceitas:

a) pega-pega, inicialmente o professor pegava os alunos e aos poucos fomos passando esta

tarefa para eles mesmos. Esta realmente foi uma das primeiras atividades que propusemos, tanto que no decorrer do trabalho esta brincadeira se tornou banal;

b) brincadeiras com bolas, no início utilizávamos bolas grandes de plástico e colorida, isto para facilitar o manejo e o acompanhamento ocular. A maioria dos alunos não conseguia receber nem arremessar a bola, por fim fomos acrescentando a bola de volei, basquete, tênis, futebol, e acabaram conseguindo manipula-las com grande eficiência. Havia alunos que conseguiam fazer a manchete, o toque de volei. Quase todos conseguiam quicar e chutar a bola, a ponto de conseguirmos fazer jogos pré desportivos de volei, basquete e futebol;

c) atividades com corda, desde o processo mais simples que era passar para o outro lado da corda (com ela parada) saltando com pés unidos e alternados até conseguir pular a corda normalmente;

d) diante do repertório motor introduzido pelos "alongamentos e aquecimentos" no início das aulas, no final do trabalho estávamos conseguindo, com certa facilidade, montar coreografias simples utilizando os movimentos acompanhados de músicas;

e) um ponto muito enfatizado durante todo o trabalho foi a questão da marcha, ou seja, tínhamos a preocupação de perceber que os alunos conseguiriam se locomover com eficiência independente do local, e de maneira segura. A nosso ver o que contribuiu para alcançarmos este objetivo sem os alunos perceberem, foi utilizarmos os mais diversos locais, como foi comentado anteriormente;

f) atividades nos aparelhos de ginástica artística contribuíram muito para o domínio corporal e postura, particularmente as atividades que eles mais gostavam eram nos aparelhos que propiciavam a suspensão;

g) atletismo, basicamente as corridas;

h) atividades na piscina;

i) atividades com bexigas, bastões, arcos, entre outros materiais.

Enfim, praticamente todas as atividades que propúnhamos foram aceitas. Acreditamos que esta aceitação tenha ocorrido pelo fato de sempre colocarmos as atividades com dificuldades crescentes, onde todos pudessem estar participando e sempre tendo algo de novidade, mesmo quando tínhamos que adaptar toda uma situação para levá-los a situações reais.

De todas as atividades temos uma em especial, que para nós foi o ponto culminante de todo

o processo: a participação nos VI Jogos Especiais promovido pela Faculdade de Educação Física da Unicamp. Ficamos durante aproximadamente três meses trabalhando os temas desta atividade (coreografia com fita de ginástica rítmica desportiva e atletismo). A Instituição toda participou do processo, as mães procurando camisetas para nos uniformizarmos, a confecção do material que iríamos utilizar na coreografia (a fita de Ginástica Rítmica Desportiva), todos os alunos pintaram as camisetas, os profissionais das outras salas participaram, enfim foi um evento que mobilizou a Instituição como um todo.

No dia do evento foi muito gratificante ver os adolescentes participando, conquistando seu espaço, mostrando para os pais e para eles mesmos que eram capazes.

- ANEXOS -

Tablea 7.1

Padrão do exame neurológico evolutivo para três anos

Fala	Superadas as etapas de "palavra-frase", frase agramatical e dislalias por troca . Podem apresentar dislalias por supressão.	
Equilíbrio estático	Prova	8. Posição de Romberg (olhos abertos: 30")
Equilíbrio dinâmico	Prova	27. Andar em linha reta 5 m (anotar desvios) 30. Andar para trás puxando um carrinho (5 m) 36-37. Subir e descer escada sem apoio 42. Correr contornando obstáculos 52. Apanhar um objeto do chão, sem auxílio de outra mão
Coordenação apendicular	Prova	53. Construir uma torre com 9 cubos ou mais 56. Copiar um traço vertical de um modelo desenhado em um cartão (10 x 10 cm) 62. Jogar uma bola por cima, na direção do examinador. 64. Manobra índez-nariz com os olhos abertos 81. Chutar uma bola (anotar o pé escolhido)
Coordenação tronco- membros	Não há provas para essa idade	
Sincinesias	Presente em todas as provas	
Tono muscular	Normal	
Reflexos	Normal	
Persistência motora	Não há provas para essa idade	
Sensibilidade	Não há provas para essa idade	

DIAMENT, 1989, p. 100

Tabela 7.2

Padrão do exame neurológico evolutivo para quatro anos

Fala	Superadas todas as etapas, inclusive a de dislalia por supressão.	
Equilíbrio estático	Prova	9. Posição de Romberg (olhos fechados: 30")
Equilíbrio dinâmico	Prova	33. Andar nas pontas dos pés, 5 m 38-39. Subir e descer escada sem apoio, alternando os pés
Coordenação apendicular	Prova	54. Virar páginas de um livro eumetricamente 57. Copiar uma cruz do modelo desenhado em cartão 65. Manobra index-nariz com os olhos fechados 68. Fazer uma bolinha de papel com a mão dominante 72. Enrolar o fio em um carretel. Posição parada, de pé
Coordenação tronco- membros	Não há provas para essa idade	
Sincinesias	Presente em todas as palavras	
Tono muscular	Normal	
Reflexos	Normais	
Persistência motora	Prova	91. Manter os olhos fechados: 20" 92. Manter a boca aberta: 40" 93. Manter a língua protusa com os olhos abertos: 40"
Sensibilidade	Prova	107. Reconhecimento de posições segmentares 111-117. Reconhecimento de objetos familiares 119-124. Conhece as cores branco e preto, denominando-as

DIAMENT, 1989, p. 101

Tabela 7.3

Padrão do exame neurológico evolutivo para cinco anos

Fala	Superadas todas as etapas	
Equilíbrio estático	Prova	24. De pé. Apoio plantar com a ponta de um pé encostada no calcanhar do outro, com olhos abertos: 10"
Equilíbrio dinâmico	Prova	31. Andar para a frente colocando o calcanhar de um pé encostado na ponta do outro. Distância de 2 metros 43. Saltar uma corda de 30 cm de altura estando correndo 44. Saltar corda de 30 cm de altura estando parado, com pés juntos 45. Saltar girando sobre si mesmo, sem desviar do lugar 46. Deslocar-se 5 metros pulando com os 2 pés juntos 47. Deslocar-se 5 metros, pulando num pé só. Deixar escolher o pé 50. Dar um salto para um lado. Ficar parado depois do salto
Coordenação apendicular	Prova	58. Copiar um círculo de modelo desenhado em cartão 59. Copiar um quadrado de modelo desenhado em cartão 63. Jogar uma bola de tênis, por cima em um alvo na distância de 2 metros 76. Sentado, bater com os pés, alternadamente num ritmo escolhido 77. Tocar com a ponta do polegar em todos os dedos, nas duas mãos e nas duas direções 79. Abrir uma mão e fechar a outra alternadamente. Membros superiores horizontalmente para a frente
Coordenação tronco-membros	Não há provas para essa idade	

Sincinesias	Presentes em todas as provas	
Tono muscular	Normal	
Reflexos	Normais	
Persistência motora	Prova	94. Manter a língua protusa com os olhos fechados: 40"
Sensibilidade	Prova	120-123. Conhecimento de cores. Denomina todas

DIAMENT, 1989, p. 102

Tabela 7.4

Padrão do exame neurológico evolutivo para seis anos

Fala	Superadas todas as etapas	
Equilíbrio estático	Prova	25. De pé. Apoio plantar. A ponta de um pé encostada no calcanhar do outro. Olhos fechados: 10"
Equilíbrio dinâmico	Prova	32. Andar para trás, colocando o calcanhar de um dos pés encostado na ponta do outro, na distância de 2 metros. 48. Deslocar-se 5 metros, pulando sobre um pé só com o pé não dominante.
Coordenação apendicular	Prova	66. Descrever um círculo com os dedos indicadores, estando os braços estendidos horizontalmente para os lados 74. Andando, enrolar a linha do carretel no dedo indicador da mão dominante. 80. Bater o indicador direito na mesa e o pé direito no chão, ao mesmo tempo, e alternadamente com os esquerdos
Coordenação tronco- membros	Prova	83. De pé. O examinador força o tronco para trás e observa a flexão dos joelhos
Sincinesias	Presentes em todas as idades	
Tono muscular	Normal	
Reflexos	Normais	
Presistência motora	Não há provas para essa idade	
Sensibilidade	Prova	108. Reconhecimento de dedos 109. Reconhecimento de direita e esquerda

DIAMENT, 1989, p. 103

Tabela 7.5

Padrão do exame neurológico evolutivo para sete anos

Fala	Superadas todas as etapas	
Equilíbrio estático	Prova	<p>10. Parado. Nas pontas dos pés. Braços caídos ao longo do corpo. Pés juntos. Olhos abertos: 30"</p> <p>12. Parado. Apoio plantar sobre um pé só (deixar escolher o pé). Braços caídos ao longo do corpo, a outra perna fletida em ângulo reto. As coxas paralelas. Os olhos abertos: 30"</p> <p>16. De pé. Apoio plantar sobre um pé só (deixar escolher o pé). Braços caídos, a outra perna fletida em ângulo reto. As coxas paralelas. Os olhos abertos: 10"</p> <p>20. Agachado. Apoio nas pontas dos pés. Calcânhares unidos. Membros superiores abertos lateralmente. Olhos abertos: 10"</p> <p>26. Sentado. Equilibrar uma régua horizontalmente no dedo indicador da mão escolhida: 10"</p>
Equilíbrio dinâmico	Prova	<p>49. Pular o mais alto que puder. Bater palmas duas vezes enquanto estiver com os pés fora do contato do solo</p>

Coordenação apendicular	Prova	<p>60. Copiar um losango com lápis e papel de um modelo desenhado em cartão.</p> <p>75. Repetir ritmos com intervalos variáveis, usando 2 lápis e anteparo de cartolina:</p> <p>1) ●●●</p> <p>2) ● ●●</p> <p>3) ●●●●</p> <p>4) ●● ●●</p> <p>5) ● ● ●</p> <p>6) ●● ● ●</p> <p>acertos: 4/6</p> <p>90. Anotar disdiadococinesia na prova das "marionetes" com duas mãos</p>
Coordenação tronco- membros	Prova	84. Sentar-se sem apoio estando deitado e deitar-se sem apoio estando sentado
Sincinesias	Presentes em todas as provas	
Tono muscular	Normal	
Reflexos	Normais	
Persistência motora	Prova	<p>95-96. Olhar extremo lateral para a direita: 30"</p> <p>Olhar extremo lateral para a esquerda: 30"</p> <p>97. Membros superiores horizontalmente para a frente. Dedos afastados. Polegares separados por 1 cm. Manter posição.</p> <p>Olhos fechados: 30"</p>
Sensibilidade	Não há provas para essa idade	

DIAMENT, 1989, p. 104

- BIBLIOGRAFIA -

- ADAMS, R. C. et al. *Jogos, esportes e exercicios para o deficiente fisico*. São Paulo: Manole , 1985.
- ARAUJO, P.F. *A Educação Física para pessoas portadoras de deficiências nas instituições especializadas de Campinas*. Piracicaba, 1991, (Dissertação de Mestrado em Educação - UNIMEP, 1991)
- CAPON, J. *Planos de aula para atividades perceptivo-motoras nível I: planos de aula básicos e práticos para programa perceptivo-motores nas séries pré-escolares e graus elementares*. Manole, 1974.
- CAPON, J. *Propostas de atividades para educação pelo movimento: atividades motoras para a criança em desenvolvimento*. Manole, 1989.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- COOB'92 - DIVISION DE PARALÍMPICOS. *Guia de los IX juegos paraolímpicos. Barcelona'92*. 1990.
- DIAMENT, A. J. *Neurologia infantil: Lefèvre*. Rio de Janeiro-São Paulo: Atheneu, 1989, 2ª edição.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro, teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1991.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Zahar, 1972

- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. *Visão didática da educação física: análise crítica e exemplos práticos de aulas*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1991.
- JANNUZZI, G. S. M. Educação especial: a função social da escola. Trabalho apresentado em Diadema (SA) a convite da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte.
- KIRK, S. A. & GALLAGHER, J. J. *A educação da criança excepcional*. Martins Fontes, 1987.
- PICCOLO, V. L. N. *Atividades físicas como proposta educacional para primeira fase do primeiro grau*. 1998 (Dissertação de Mestrado - Unicamp, 1988)
- PANFLETO OLIMPIADAS ESPECIAL - BRASIL. *Associação Olimpíadas Especiais - Brasil*. Apoio: Secretaria dos Desportos da Presidência da República-Departamento de Desportos das Pessoas Portadoras de Deficiência (DEPED).
- PROJETO PEDAGÓGICO do Centro Educacional Integrado, 1993. (texto mimeografado)
- ROSADAS, S. C. *Educação física especial para deficientes: fundamentos da avaliação e aplicabilidade de programas sensoriais motores em deficientes*. Livraria Atheneu, 1986.
- RELATÓRIO DA REABILITAÇÃO INTERNACIONAL à Junta executiva do UNICEF. *A deficiência: sua prevenção e reabilitação*. UNICEF Brasil, 1980.
- RODRIGUES, J.L. *A Educação Física no contexto interdisciplinar e a pessoas portadora de deficiência*. Unimep, 1991 (Dissertação de Mestrado em Educação - UNIMEP, 1991)
- SMOLKA, A. L. B. *O trabalho pedagógico na diversidade (adversidade?) da sala de aula*. Texto apresentado no I Seminário sobre Dificuldades e Distúrbios de Aprendizagem Promovidos pela Faculdade de Ciências Médicas - Unicamp, em 25 de maio de 1988.